

PELA REFORMA DA MENTALIDADE PORTUGUESA

ANTÓNIO SÉRGIO

# O SEISCENTISMO

REPRODUÇÃO DO ARTIGO EM QUE,  
SEGUNDO DIZEM OS QUE ME ODEIAM,  
INSULTEI UM MORTO E FALSIFIQUEI  
TEXTOS

*Edição da SEARA NOVA*

: 1 9 2 6 :



CD25A

Antônio S. de

esgotado

O SEISCENTISMO

CD25A

Tip. da Ass. dos Comp. Tipográficos  
Trav. da Agua de Flôr, 35 — Lisboa

715.12  
PELA REFORMA DA MENTALIDADE PORTUGUESA

ANTÓNIO SÉRGIO

# O SEISCENTISMO

REPRODUÇÃO DO ARTIGO EM QUE,  
SEGUNDO DIZEM OS QUE ME ODEIAM,  
INSULTEI UM MORTO E FALSIFIQUEI  
TEXTOS



N.º 9354

Edição da SEARA NOVA

: 1 9 2 6 :



PELA REFORMA DA MENTALIDADE PORTUGUESA

ANTÓNIO SÉRGIO

# O SEISCENTISMO

REPRODUÇÃO DO ARTIGO EM QUE  
SEGUNDO DIZEM OS QUE ME ODIAM  
INSULTEI UM MORTO E MAL SINDONHEI  
TEXTOS



Impressão de S. M. A. de 1912

## PREFÁCIO

Há uma maneira *irinteligente* (como há uma maneira *inteligente*) de ser monárquico, republicano, socialista, etc.; e o que eu peço todos os dias aos meus mais jovens compatriotas, não é que abandonem as suas «ideias» (seus credos e partidos, sua fé): é, sim, que busquem ser *inteligentemente* (civilizadamente, europeicamente) aquilo mesmo que dizem ser. Sei (ou julgo sabê-lo) como se barbarizou esta Nação, e o que havia a fazer para a tirar de bárbara; e repito que a reforma mais importante — condição preliminar de todas as outras — é sempre a *reforma da mentalidade*; e que a disciplina mais necessária para termos a ordem a que todos visamos não é a disciplina que provém da espada, da ditadura, da realza ou da polícia, — mas a ordem, a honestidade e a disciplina *intelectuais*.

O AUTOR, na *Seara Nova*,  
n.º 50, p. 37.

111  
112  
113  
114  
115  
116  
117  
118  
119  
120  
121  
122  
123  
124  
125  
126  
127  
128  
129  
130  
131  
132  
133  
134  
135  
136  
137  
138  
139  
140  
141  
142  
143  
144  
145  
146  
147  
148  
149  
150  
151  
152  
153  
154  
155  
156  
157  
158  
159  
160  
161  
162  
163  
164  
165  
166  
167  
168  
169  
170  
171  
172  
173  
174  
175  
176  
177  
178  
179  
180  
181  
182  
183  
184  
185  
186  
187  
188  
189  
190  
191  
192  
193  
194  
195  
196  
197  
198  
199  
200  
201  
202  
203  
204  
205  
206  
207  
208  
209  
210  
211  
212  
213  
214  
215  
216  
217  
218  
219  
220  
221  
222  
223  
224  
225  
226  
227  
228  
229  
230  
231  
232  
233  
234  
235  
236  
237  
238  
239  
240  
241  
242  
243  
244  
245  
246  
247  
248  
249  
250  
251  
252  
253  
254  
255  
256  
257  
258  
259  
260  
261  
262  
263  
264  
265  
266  
267  
268  
269  
270  
271  
272  
273  
274  
275  
276  
277  
278  
279  
280  
281  
282  
283  
284  
285  
286  
287  
288  
289  
290  
291  
292  
293  
294  
295  
296  
297  
298  
299  
300  
301  
302  
303  
304  
305  
306  
307  
308  
309  
310  
311  
312  
313  
314  
315  
316  
317  
318  
319  
320  
321  
322  
323  
324  
325  
326  
327  
328  
329  
330  
331  
332  
333  
334  
335  
336  
337  
338  
339  
340  
341  
342  
343  
344  
345  
346  
347  
348  
349  
350  
351  
352  
353  
354  
355  
356  
357  
358  
359  
360  
361  
362  
363  
364  
365  
366  
367  
368  
369  
370  
371  
372  
373  
374  
375  
376  
377  
378  
379  
380  
381  
382  
383  
384  
385  
386  
387  
388  
389  
390  
391  
392  
393  
394  
395  
396  
397  
398  
399  
400  
401  
402  
403  
404  
405  
406  
407  
408  
409  
410  
411  
412  
413  
414  
415  
416  
417  
418  
419  
420  
421  
422  
423  
424  
425  
426  
427  
428  
429  
430  
431  
432  
433  
434  
435  
436  
437  
438  
439  
440  
441  
442  
443  
444  
445  
446  
447  
448  
449  
450  
451  
452  
453  
454  
455  
456  
457  
458  
459  
460  
461  
462  
463  
464  
465  
466  
467  
468  
469  
470  
471  
472  
473  
474  
475  
476  
477  
478  
479  
480  
481  
482  
483  
484  
485  
486  
487  
488  
489  
490  
491  
492  
493  
494  
495  
496  
497  
498  
499  
500  
501  
502  
503  
504  
505  
506  
507  
508  
509  
510  
511  
512  
513  
514  
515  
516  
517  
518  
519  
520  
521  
522  
523  
524  
525  
526  
527  
528  
529  
530  
531  
532  
533  
534  
535  
536  
537  
538  
539  
540  
541  
542  
543  
544  
545  
546  
547  
548  
549  
550  
551  
552  
553  
554  
555  
556  
557  
558  
559  
560  
561  
562  
563  
564  
565  
566  
567  
568  
569  
570  
571  
572  
573  
574  
575  
576  
577  
578  
579  
580  
581  
582  
583  
584  
585  
586  
587  
588  
589  
590  
591  
592  
593  
594  
595  
596  
597  
598  
599  
600  
601  
602  
603  
604  
605  
606  
607  
608  
609  
610  
611  
612  
613  
614  
615  
616  
617  
618  
619  
620  
621  
622  
623  
624  
625  
626  
627  
628  
629  
630  
631  
632  
633  
634  
635  
636  
637  
638  
639  
640  
641  
642  
643  
644  
645  
646  
647  
648  
649  
650  
651  
652  
653  
654  
655  
656  
657  
658  
659  
660  
661  
662  
663  
664  
665  
666  
667  
668  
669  
670  
671  
672  
673  
674  
675  
676  
677  
678  
679  
680  
681  
682  
683  
684  
685  
686  
687  
688  
689  
690  
691  
692  
693  
694  
695  
696  
697  
698  
699  
700  
701  
702  
703  
704  
705  
706  
707  
708  
709  
710  
711  
712  
713  
714  
715  
716  
717  
718  
719  
720  
721  
722  
723  
724  
725  
726  
727  
728  
729  
730  
731  
732  
733  
734  
735  
736  
737  
738  
739  
740  
741  
742  
743  
744  
745  
746  
747  
748  
749  
750  
751  
752  
753  
754  
755  
756  
757  
758  
759  
760  
761  
762  
763  
764  
765  
766  
767  
768  
769  
770  
771  
772  
773  
774  
775  
776  
777  
778  
779  
780  
781  
782  
783  
784  
785  
786  
787  
788  
789  
790  
791  
792  
793  
794  
795  
796  
797  
798  
799  
800  
801  
802  
803  
804  
805  
806  
807  
808  
809  
810  
811  
812  
813  
814  
815  
816  
817  
818  
819  
820  
821  
822  
823  
824  
825  
826  
827  
828  
829  
830  
831  
832  
833  
834  
835  
836  
837  
838  
839  
840  
841  
842  
843  
844  
845  
846  
847  
848  
849  
850  
851  
852  
853  
854  
855  
856  
857  
858  
859  
860  
861  
862  
863  
864  
865  
866  
867  
868  
869  
870  
871  
872  
873  
874  
875  
876  
877  
878  
879  
880  
881  
882  
883  
884  
885  
886  
887  
888  
889  
890  
891  
892  
893  
894  
895  
896  
897  
898  
899  
900  
901  
902  
903  
904  
905  
906  
907  
908  
909  
910  
911  
912  
913  
914  
915  
916  
917  
918  
919  
920  
921  
922  
923  
924  
925  
926  
927  
928  
929  
930  
931  
932  
933  
934  
935  
936  
937  
938  
939  
940  
941  
942  
943  
944  
945  
946  
947  
948  
949  
950  
951  
952  
953  
954  
955  
956  
957  
958  
959  
960  
961  
962  
963  
964  
965  
966  
967  
968  
969  
970  
971  
972  
973  
974  
975  
976  
977  
978  
979  
980  
981  
982  
983  
984  
985  
986  
987  
988  
989  
990  
991  
992  
993  
994  
995  
996  
997  
998  
999  
1000

CD25A



## PREFACIO

**O** ARTIGO que neste folheto reproduzo é aquelle mesmo onde dizem os meus inimigos que falsei textos e insultei um morto: António Sardinha. Lendo-o, e comparando-o com as acusações, verá o leitor immediatamente em que terra de bárbaros estamos nós; e espero que concluirá, não que «isto dá vontade de morrer», como disse Herculano, mas que é *urgente reformarmos a mentalidade nacional*.

Nos países incultos, como o nosso, não pode haver discussões de ideas: há só ódios pessoais. Por isso, são raros em Portugal os que percebem um civilizado — sem personalismos, sem sectarismos, sem rancores, e autêntico entusiasta das ideas e da cultura. Mais: raríssimas pessoas, aqui, deixam de odiar com ferocidade os que amam as ideas verdadeiramente, e não são bárbaros também.

Para que esta incultura tenha remédio — para que

tenha fim esta desordem (a desordem mental é a pior de tôdas) — a primeira condição essencial é percebermos que com efeito precisamos de remédio; é persuadirmo-nos de que, depois da época das Navegações — na era do Seiscentismo — nos divorciámos da cultura europeia; é convencermo-nos de que, como disse José Agostinho de Macêdo, «no fatal século de Seiscentos parece que neste reino houve a invasão da Estupidez, bem como agora houve a invasão dos franceses».

Tenho-me consagrado inteiramente, de há 15 anos a esta parte, à obra essencial da reforma da cultura, da reforma da mentalidade, que eu creio a faina mais importante para a regeneração do nosso país; e a idea de que o século de Seiscentos representa, com efeito, a invasão da Estupidez (como disseram, depois e antes de José Agostinho, todos os homens *cultos* de Portugal), determina a minha prègação e os meus escopos, o meu desejo de dar também, quanto possa, um concurso sério e eficaz ao progresso da Nação. Julgo essa idea, para Portugal, tão verdadeira e tão salutar, como qualquer homem religioso julga para si verdadeira e útil a própria idea de que há um Deus.

Claríssimo que tudo isto, para mim, está muito acima da minha pessoa, e de tôdas as pessoas imagináveis, vivas e defuntas, António Sardinha ou qualquer outra.



Sou um servo do Espírito. Se as almas dos mortos que mais venero, lá de além-túmulo, me contestassem tal idea — eu sustentaria a minha idea. E elas, certamente, achariam natural que a sustentasse; e achariam natural que a sustentasse todos os que sabem o que é Espírito, sciência, civismo, amor das ideas, amor do Bem.

Eis como os factos se passaram :

Quando fundei a *Lusitânia* com alguns amigos, não foi nossa idea que António Sardinha fizesse parte do corpo de redacção da revista, que se compunha a princípio apenas de especialistas scientificos e de criticos. Certo dia, um amigo comum communicou-me o desejo de António Sardinha de fazer parte também do corpo de redacção da *Lusitania*. Concordei do melhor grado. Logo de princípio, fôra eu o escolhido (e bem contra minha vontade) para dirigir a critica literária da revista. Uma occasião, o meu amigo o dr. Reinaldo dos Santos disse-me achar conveniente que eu escrevesse na *Lusitania* alguma cousa sôbre o folheto de um jovem que eu não conhecia, chamado Manuel Múrias (o que agora me ataca raivosamente) folheto que tratava do *Seiscentismo*, e onde se fazia uma paradoxal apologia da cultura portugueza do século XVII. Escrevi, tratando o sr. Múrias o mais generosamente possivel,

e mostrando-lhe amavelmente os êrros das suas teses.

Depois disto, mandou António Sardinha para a *Lusitânia* um artigo sôbre o livro do sr. Múrias, no qual exaltava o trabalho dêste e contraditava as ideias que eu expusera na minha crítica. Ponderei aos meus companheiros da *Lusitânia* o absurdo — contrário a tôdas as praxes — de uma revista como a *Lusitânia* contraditar (e pela pena de um dos membros da sua própria redacção) as críticas do seu crítico oficial. Achava eu mais lógico que Sardinha publicasse o seu artigo em outra revista, como, por exemplo, a *Nação Portuguesa*. Mas houve insistência pela publicação na *Lusitânia*, e acedi a tal insistência, com a condição de publicar eu, ao mesmo tempo, a defesa das ideias expendidas na minha crítica. Como bem se vê, eu tinha a obrigação de defender a competência da crítica literária da *Lusitânia*, confiada à minha pessoa. Assim procedendo, defendia a própria revista. A situação, com efeito, era absurda: porque, sendo eu o crítico oficial da *Lusitânia*, esta, ao publicar o artigo de Sardinha, atacava-se a si mesma. Admiti o absurdo, para evitar o naufrágio da *Lusitânia*...

Mas não ficou por aqui. Pediram-me ainda que publicasse a minha defesa (que não era de maneira nenhuma insultuosa, mas, bem ao contrario, em termos



amáveis e affectivos), não no mesmo número da *Lusitânia* em que se publicava o artigo de Sardinha, mas só no número seguinte. Também acedi ...

Pouco depois, falecia António Sardinha. Entretanto, as ideas do artigo dele iam exercendo a sua influência em cérebros ignorantes e pouco lúcidos, *influência a meu entender perniciosíssima*; eram repetidas e aclamadas como verdades irrespondíveis; e resolvi, por fim, publicar na *Seara Nova* o artigo em que lhe respondia. E porquê?

Porque, como homem e como português, me cumpre defender o que creio verdade, *e verdade fundamental para a regeneração da minha pátria*, — isto é, para uma obra de bem comum a que consagrei a própria existência. Reparem nisto os que agora me lêem: a idea, por mim defendida, da regeneração de Portugal pela reforma da mentalidade, não é um pretexto para «arranjar a vida», ou um bom assunto para encher artigos, ou simples cobertura de paixões sectárias: em mim, é uma coisa «de cá de dentro», muito profunda e muito séria. A minha pessoa não me interessa nada, nem os ataques, os elogios, ou as calúnias que me possam fazer; sou da família dos «originaes» que vivem absorvidos numa idea moral. Emquanto, pois, se não penetrarem desta verdade, nada perceberão os meus



leitores das controvérsias em que andei metido, e nada compreenderão do que me diz respeito. Uma vez que se penetrem dela, logo verão que seria absurdo deixar correr sem nenhum reparo as afirmações de Antonio Sardinha, que considero erradas e *prejudiciais* — só pelo facto de que aquele escritor, que as proclamava, havia morrido. Seria uma situação demasiado cómoda para os adversários das minhas teses: elles — podiam dizer o que bem quisessem, porque não contrariavam o escritor defuncto; eu — caladinho, com prejuizo do que creio útil. Nunca ninguém se dispensou no mundo de discutir opiniões das pessoas mortas, e a Verdade, a Nação, o Bem, estão muito acima de todos nós, os vivos e os não viventes. Essa defesa da minha tese contra a tese de António Sardinha — é o embate de uma *idea* com uma *idea*, e não de uma *pessoa* com uma *pessoa*. Contestar a idea de um certo homem (ou defendida por um certo homem) não é insultar esse mesmo homem: sabe-se isto no mundo inteiro, e só se desconhece neste país. E porquê? Porque muitos dos que escrevem, berram, ou declamam na nossa terra, andam a fingir de pessoas cultas: nunca se elevaram verdadeiramente à autêntica vida do pensamento, e ficaram no nível do fanatismo e dos simples interêsses e relações pessoais. As ideas, em Portugal, são meros instrumentos das pai-

xões sectárias; e nem cá se percebe que se defendam ideias que não sejam instrumentos de quaisquer paixões.

Republico pois a minha resposta, onde, segundo afirmam aqueles que me odeiam, eu insultei António Sardinha: veja o leitor quais são os insultos, e onde estão.

Nessa resposta — para não alongar demasiadamente as citações de um livro francês, enchendo-a de prosa que não era minha, sem absoluta necessidade, — fiz aquilo que se faz sempre em todos os países civilizados (e que se faz também no nosso país): reproduzi só o necessário, substituindo por tres pontinhos as partes eliminadas. Por fazer isto, fui acusado de falsificar o texto. Agora, dou os textos sem esses cortes, pondo em *itálico* o que aproveitei. Verá o leitor imediatamente que as partes então eliminadas não contrariam em coisa alguma, *e pelo contrário só confirmam*, as conclusões que eu tirei das partes reproduzidas (isto mesmo, aliás, já foi demonstrado por Rodrigues Miguéis<sup>1</sup>). As acusações só se explicam a-final como simples ataques de fúria cega, que os próprios coléricos (assim o espero) ainda um dia lamentarão.

Em apêndice, ainda, dou uma carta que na *Seara Nova* escrevi aos jovens da minha amizade acêrca da repul-

<sup>1</sup> V. *Seara Nova* n.º 88.



sa que neles levantaram estas ridículas manifestações

Vejo estas desordens intellectuais sem nenhuma espécie de paixão, como um clínico, ou um investigador, vê as manifestações duma doença curiosa que se propõe tratar scientificamente: são os efeitos naturais da nossa barbárie nacional, da nossa incultura secular — daquela invasão da Estupidez, de que falava já o velho Macedo. As paixões, quanto a mim, são as causas dos maiores males de que padecem as sociedades; e o de que Portugal necessita mais, se me não engano, é de algumas dúzias de pessoas calmas, com o espírito claro e bem decidido e sem paixão de nenhuma espécie que digam tudo o que é necessário sem saírem da sua calma, e façam tudo o que é necessário com paciência e senhorio de si. Quanto mais berrarem contra mim, mais me convencerei da necessidade da reforma mental que preconizo. Não me dão vontade de morrer; não me dão vontade de me zangar: dão-me vontade, sim, de trabalhar cada vez mais, com uma grande dose de compaixão pela decadência mental do meu país.

As muitas criaturas que me teem ódio, — e às quaes, pelo contrário, não tenho ódio de nenhuma espécie, — digo que me consagram demasiadamente. Cuidei ser, tão só, um dos mais modestos colaboradores da regeneração mental do Português; mas elles,

com os seus ataques furiosíssimos, estão-me empurrando para a categoria de homem simbólico e representativo dessa grande faina nacional. O que seria injustíssimo para todos os outros, além de um transtorno na minha vida: por mais que façam, não tenho jeito para Personagem; e ser um *parvenu* no palácio da História — nunca estive nos meus projectos, nem nas minhas intenções.

Aos jovens que me lêem com simpatia, digo que espero unicamente que vejam em mim o exemplo da Crítica, o do puro espírito de investigação, o da liberdade intelectual: e que esta a exerçam antes de tudo para com as minhas palavras e opiniões (como tem feito, louvores a Apolo!). Tomardes os dizeres dos meus escritos como dogmas incriticáveis, e a minha pessoa como um Papa — seria renegar-me de todo em todo. Haveis de me poupar a êsse absurdo: e no dia da morte do vosso amigo, se quizerdes honrá-lo condignamente, não publiqueis lamentos, nem elogios, — mas uma Crítica. *Ueber Graeber — vorwaerts!*

Quanto à memória de António Sardinha, respeitei-a mais, sem dúvida alguma, que os meninos que se servem do seu cadáver como de instrumento da vingança das suas vaidades irritadas, ou que os que a defendem e a celebram... com gás sulfídrico!



Eis agora a seguir o artigo incriminado, que saiu na *Seara Nova* n.ºs 56 e 57, em forma de carta a António Sardinha, sob o título *O problema da cultura em Portugal e o significado do Seiscentismo na sua história*, precedido de uma explicação em itálico que também aqui se reproduz:



## O SEISCENTISMO

*As discussões que tenho bastas vezes, e o que se passa todos os dias no nosso ambiente intelectual, — tudo me convence da necessidade de voltar sempre a este problema (o problema da cultura, o da reforma da mentalidade) que é para mim o problema básico. Quando tivemos o desgosto, ha tempo, de perder António Sardinha, havia eu mandado para a tipografia, afim de sair na Lusitânia, a resposta a um artigo d'ele em que me forçava a discutir o assunto. Caiu sobre nós a noticia da morte, que nos prostrou. Retirei a prosa. Mas hoje, vendo a necessidade de insistir no tema, decido publicar o que então escrevi, tanto mais que o traçara (com o efeito necessário das nossas excelentes relações) com cabal amizade e simpatia. Insisto na minha tese, porque creio por essa forma prestar um serviço à Comunidade, — intenção que António Sardinha, se aqui estivesse, seria o primeiro a reconhecer, preitear, acalentar e aplaudir.*

MEU QUERIDO AMIGO:

Li (ai de mim! com mais prazer do que entendimento!) o seu artigo sobre o Seiscentismo; e como se afirma por todo ele o contrario do que sustentei nesta mesma revista

*Lusitânia*,<sup>1</sup> consinta que rediga da minha justiça, e que aqui declare sinceramente algumas das dúvidas com que fiquei.

Hábito é da paixão política o armar pugilato no arraial da História. Ou eu me engano no meu juízo (hipótese com que conto invariavelmente, como sendo sempre a mais provável!) ou há tal paixão no seu artigo; e esse facto, meu caro Amigo, persuade-me a abrir com o Rabalais: «Je te prie qu'entre nous n'y ait débat ni tumulte, et ne cherchons honneur ni applaudissement des hommes, mais la vérité seule».

Entrando em matéria. A paixão política atribuo eu (e a que outra causa atribuir o facto?) que abundem tanto no seu escrito os argumentos contraproducentes, e vários casos de viciosos círculos. Darei um exemplo de cada espécie, para que se entenda bem o que quero dizer. Não são talvez como os eu suponho; não devem ser; e nesse caso, certamente, o meu caro Amigo me esclarecerá.

Assim, ao elogiar os Jesuitas pelo seu sistema de educação, cita este passo de Faria e Sousa, que em Ferreira Deusdado foi encontrar:

«O Cardial D. Henrique fundou em Évora um sumptuoso colégio e Universidade para os Padres da Companhia, onde teem escolas gerais, de que se aproveitam os naturais daqueles sitios com tal concorrência que vindo muitos para isso a deixar a cultura dos

---

<sup>1</sup> Como disse, este artigo fôra escrito para ser publicado na *Lusitânia*.



campos, em cujo exercício se criaram, perdem-se muitas terras que produziam fertilmente o sustento de grande parte do Reino, levado por isso à necessidade de pedir pão aos seus próprios inimigos»

Mesmissimamente o que V. diz. Alude ao facto o padre Baião, no *Portugal cuidadoso e lastimado*, livro I, cap. VIII, quando, ao citar queixas do braço do povo, que iam atingir veladamente a Companhia de Jesus (côrtes de 1562), relata também as que aduziram contra os estudos universitários, acroscendendo:

«Mais prejudicial (que a Universidade de Coimbra) foi a de Évora, que o Cardial D. Henrique fundou depois e entregou aos padres da Companhia de Jesus, onde concorrendo os filhos da província de Alemtejo, deixam a fabricação dos campos, em que fôra muito melhor occuparem-se».

Ora, — que prova isto? Que os Jesuitas difundiam o seu sistema de educação? — Ninguém o contesta; nunca ninguém o contestou! Disso, exactamente, se queixaram sempre os seus inimigos! O que se discute é a *qualidade*, não a *quantidade* do seu ensino. Se era mau, — quanto mais escolas, pior para nós. Ora, o que prova outrosim aquele mesmo texto é que o bom senso da nossa gente, com seguríssima intuição do que devia ser o ensino público, repulsava o dos Jesuitas, no qual via (e com os motivos inexpugnáveis que lucidamente apresentou) uma errada orientação e uma calamidade social. Portanto, parece que invocar este argumento numa apologia dos Jesuitas — é querer fixar-se no extremo oposto de todas as normas do bom pensar.

Agora vou indicar-lhe um só exemplo daquelas coisas que me parece a mim que são confusões de pensamento, e que genéricamente designei (pois dar a cada uma seu nome exacto seria excesso de pedantaria) pela expressão de «vicioso círculo». Suponhamos isto:

«Insisto pelo carácter tridentino do nosso Seiscentismo, — pela perfeita ortodoxia do seu pensamento e das suas tendências. Não porque me dirija agora qualquer intenção apologética. Mas, colocado em pleno critério objectivo, para que se destrua de vez o aleive injustificado que tem esse século com uma pausa humilhante na nossa história, acusando nele os frutos duma longa e asfixiante tutela eclesiástica.»

Para se ver o vício do pensamento suponho desnecessária uma explicação, o que basta citar.

Mas deixe-se em paz a questão da lógica, e tente-se agora tirar a claro quais sejam as teses do seu artigo. Se parece fácil o ver de relance os *sentimentos* que o inspiraram, já o mesmo, quanto a mim, não succede com as *ideas*. No entanto, não erro talvez resumindo-o assim:

1.º O século XVII foi de esplendor, de relevância intellectual (no nosso país, já se deixa ver) graças, sobretudo, à Companhia de Jesus;

2.º O messianismo é uma attitude que caracteriza o Português, e tem nele uma origem rácica.

Ora, pelo que respeita ao sebastianismo, não lobriguei onde quere chegar. O messianismo, disse eu algures (nos *Ensaíos* e no *Bosquejo*) é de *todos* os povos quando são desgraçados, — de *qualquer* grei que se sente



incapaz. Os galeses, por exemplo, refugiaram-se no messianismo (rei Artur) quando foram vencidos pelos saxões e se sentiram inaptos para tirar desforra. Transmuda-se assim para a fantasia o que se não consegue no viver real. E se o tom de espirito messianista se tem demorado no Português, — expliquei o facto há muito tempo sem necessidade de recorrer à «Ração», ou a qualquer espécie de erudição: é que, sendo a atitude messianista a de todos os povos de má ventura (dos que estão descontentes com a sua sorte e não sabem *por si* devolvê-la em melhor) essa atitude permanece neles enquanto durar a sorte má. Foi messianista o povo danês, por exemplo, no lapso de tempo em que foi desgraçado; e despojou-se do messianismo desde o momento em que se salvou. Ora, o Português, até hoje, não logrou ainda recuperar-se; vê-se decaído e infeliz; sente-se incapaz de soerguer-se; e continúa, por isso, a devanear num salvador; só no dia em que se redimir esquecerá a idea da Redenção (assim um doente que sonha no médico até o instante em que fôr curado). Um fio de lógica, como está vendo, resolve problemas que só se complicam com complicadas erudições. Em qualquer povo do universo, nas circunstâncias em que nós estivemos (formação social comunitária — consideração importantíssima; podridão e decadência rápida depois de um auge de esplendidez; sociedade desorganizada sem elite própria para a governar; queda trágica numa batalha com derrota completa em areais longínquos; perda misteriosa de um rei Desejado que deixa o reino sem sucessão; e o jugo, em-



fim, do inimigo tradicional) — em qualquer povo, digo, sucederia o que em nós se viu. Nunca ninguém caiu de tão alto — para tão fundo e com tal rapidez. O sebastianismo, segundo creio (ou, por outra, segundo *penso*, porque eu na verdade pouco *creio*) parece-se com o rei que passeava nu: toda a gente o supõe vestido das mais eruditas complicações; e aqui, como em outros pontos, eu sou o garoto do conto árabe, o trago para a História a simplicidade infantil. Digo também: «o rei vai nú!» Santo Deus! Tanta erudição, tanta «raça», tanta *Avalon* e tanta *puella*, — só para explicar o que se explica de pronto pela mais comesinha das intuições!

O mesmo fiz (mocinho era) com o problema dos Descobrimentos. O Menéndez y Pelayo, que V. repete (e entre nós um Teófilo Braga, e junto a Teófilo um Oliveira Martins, e outras ilustres Celebidades) armaram com eles um «sonho» céltico: fomos levados pelo dito sonho em busca das ilhas Afortunadas «y de la leyenda de San Brandam»... Pois veio o garoto e disse assim: «Não; queríamos tão só o comércio da Índia; e muito metódica e praticamente fomos tratando de o apanhar». Depois, viu-se que a ciência dos estrangeiros se harmonizava de lés a lés com a minha intuição de adolescente. Colhe-se de aqui um soberbo ensino: o de que é possível achar a verdade contra a opinião das Celebidades, tendo-se mediana inteligência e não se possuindo talento algum (o caso que se dá com este seu criado) desde que se seja um espírito livre e se enrostem os factos sem preconceito, no exame directo das coisas reais. Desco-



bre-se assim à intelligência vulgar, mas liberta, o que ao génio apaixonado se não desvendou.

A batalha das Navegações parece-me a mim que vai vencida. Já de aí, ao que julgo, o mistério da «Raça» se desvaneceu. Também a do Sebastianismo se poderá ganhar. Talvez tôda a gente reconheça um dia, e sem grande custo, que foi o garoto que falou verdade e que não há por aí mistério algum. «Le bon sens» (assellou Bossuet) «est le maître de la vie humaine»; e Malebranche: «il vaut mieux renoncer à tout qu'à la raison». Olhemos os factos com os *nosso*s olhos, candidamente; e se querem negar o que vemos claro, na luz suasória da sensatez, — mandemos ao demo as Autoridades, e riamos das Erudições. Sim, meu caro Amigo: o bom-senso é mestre; a coisa é simples; o rei vai nu.

Mas é tempo de regressar ao nosso ponto. Depois da batalha de Alcácer Quibir, a reforçar o efeito sebastianista daquelas causas que lhe apontei — tínhamos o contacto com a gente judaica, muito influente no nosso país e messianista, como nós, pelas circunstâncias em que se viu metida. Pelas *circunstâncias*, digo eu, e não pelo *sangue*: falo do contacto *espiritual*, da unisonância *espiritual*, — do *refôrço psíquico*, por assim dizer, que dava ao messianismo porfugnês o messianismo do judeu. O meu Amigo complica o tema com uma certa hipótese de mestiçagem (sempre a «raça», sempre o «sangue»!) que combate com galhardia, mas em que supponho que ninguém falou.



E dito isto está discutido, ao que parece, o messianismo português. Passemos à parte do Seiscentismo e da Companhia de Jesus.

Cita o meu caro no seu artigo, com elogio, Duarte Ribeiro de Macedo. Pois aí mesmo se irá buscar, se me dá licença, o *leitmotiv* desta oração.

Nos fins do século xvii (quando já se viam clarissimamente os efeitos mortais do Seiscentismo) rodigiui Ribeiro de Macedo o seu belo *Discurso sobre a introdução das artes*. Nesse *Discurso*, tendo descrito a miséria pôdre em que o século xvii nos ia deixar, aponta as medidas de salvação; e depois, ementando os efeitos que essas medidas necessariamente deveriam ter, — conclue assim :

«Seremos muitos em número, única felicidade das monarquias. Cultivaremos uma terra fertilíssima, que há de pagar os benefícios que lhe fizermos com abundantes frutos. Teremos gente para as colónias, para as armadas; daremos ocupação aos sujeitos e desterraremos da República a ociosidade, moral inimiga da sociedade civil. Faremos Lisboa o mais rico empório do mundo, depósito e escala de todo o comércio dêle. Crescerá o património real com o maior número e maior riqueza dos vassalos. Não se rirão de nós os estrangeiros, que communmente nos estimam por índios da Europa, e conseguiremos a felicidade que logrou no fim do seu trabalho a mulher forte. (*Discurso*, última página).

Aí tem, em resumo, onde o Seiscentismo nos fez chegar. No fim do século de Seiscentos — troçam de nós os povos cultos; somos para eles os «índios da Europa»;

e Duarte Ribeiro de Macedo (releia o meu Amigo o *Discurso* dêle) inteiramente lhes dá razão. Aqueles índios, claro está, são os índios americanos: emparelhamos com o Paraguai, e por isso a Europa se ri de nós. Ora, a situação de paraguaios da Companhia de Jesus (que a V. o alegra e o orgulha tanto) a Ribeiro de Macedo não agradou; e o que nos explana no seu belo livro são os melhores remédios para deixar de o ser. Um dos remédios (repare V.) era a *introdução do saber scientifico, que nós perdêramos*. Eis o que escreve o economista, apontando o exemplo de Paris:

«A riqueza e grandeza de Paris procedem de ser Universidade de toda a Europa. As *sciências*, as artes liberais e mecânicas, se ensinam e obram em Paris com tanta perfeição que nos colégios e academias estudam e aprendem 2.000 cavalheiros das nações vizinhas, entre os quais há communmente Príncipes de casas soberanas». (2.<sup>a</sup> parte, cap. VIII).

Está neste ponto o nó da questão.

Ninguém contesta, está bem de ver, que nascessem homens em Portugal com a força de cérebro suficiente para poderem lardear de *comentários* — melhores ou piores — os velhos calhamaços da Idade Média, e ir ruminando submissamente o cibo vetusto de S. Tomás. Capazes disso ou de muito mais. *O que importa agora é o ambiente mental que se havia criado no nosso país, e se era favorável ou desfavorável às inteligências de excepção; releva saber o que é que pensavam, por exemplo, da mentalidade dominante no Portugal do Seiscentismo,*



as boas inteligências portuguesas desse mesmo século de Seiscentos. Quanto mais inteligências de bom quilate, melhor colocada ficaria a tose dos adversários do Seiscentismo. Houve *comentadores*, diz Você. E melhor que nada — se acaso o é. Mas pouco, muitíssimo pouco, para quem acabava de refulgir ao sol num século soberbo de *inovadores*: para quem escrevera, por exemplo, os *Roteiros* de D. João de Castro, os *Colóquios* de Garcia da Orta e os *Tratados* de Pedro Nunes. O ponto é este: nos séculos XVI e XVII, na Europa, dá-se uma revolução intellectual (a mais decisiva de todos os tempos) onde se criou a *atitude scientifica* e o *espírito crítico* da moderna Idade. Portugal, no século XVI, foi guarda avançada dessa grande aurora, e no *livre espírito de investigação* a sua obra se desenvolveu. Eramos pioneiros, nós, do novo saber experimental. «Não me ponhais medo com Dioscórides nem Galeno, que não hei de dizer senão a verdade o o que sei... que se sabe mais em um dia agora pelos Portugueses do que se sabia em cem anos pelos Romanos», — escrevia Orta nos seus *Colóquios*. Não nos restringimos a *comentar* autores: abrimos os olhos à Realidade, — directamente, criadoramente, — com espírito scientifico e senhor de si. Ora, se considerarmos o que se fez lá fora durante o século que se seguiu (o de Galileu, Torricelli, Kepler, Boyle, Huyghens, Mariotte, De La Hire, Amontons, Hoffman, Crew, Cowper, Willis, Peyer, Graaf, Leeuwenhoeck, Bernoulli, Pascal, Viviani, Borelli, Cassini, Harvey, Borrow, Descartes, Fermat, Malpighi, Bellini, Pitcarnio, Sydenham e tantos outros)



— concluiremos que a nossa ciência, depois de florescer com um Pedro Nunes, um D. João de Castro, um Amato, um Orta (para não falarmos em scientistas menores, ou menos famosos de que êsses quatro) devia frutificar no seguinte século com alguma coisa maior ainda. E que vemos então? Não vemos **NADA**. Caímos dos altos para o nível zero, — a tal Pausa, meu caro Amigo, que V. desmente o que é bem real. A fonte secou. Há só as vácuas, as mortas, as paradoxais «humanidades» da Companhia de Jesus, — precisamente o contrário das verdadeiras Humanidades, como seria fácil de demonstrar. E, para que voltasse a ouvir-se um sussurro de água na bica poenta dessa fonte sêca, — foi preciso que no século XVIII os inimigos do Seiscentismo (os protestatários que asfixiavam nesse regime que V. exalça) fugissem aflitos para a Europa sábia, — e de lá, em tiros certos e triunfais, derrubassem a prisão de palavras vácuas em que o Seiscentismo nos sepultou. Por outros termos: há uma coórte de *inovadores* no século XVI em Portugal, que cresce *dentro* da nossa cultura — consubstanciada com o seu país, — na faina augusta das Nações; há uma plêiade de *renovadores* no século XVIII portugueses, formada *fora* da terra pátria, *porque se quebrara o nosso impulso de criação intelectual*; e entre as duas (do século de Amato e de Garcia da Horta para o século de Brotero e de Ribeiro Sanches) — há a Pausa. Não se cria; comenta-se. Abandona-se o saber científico, perde-se a idea da investigação. E' êste o Facto Dominador. Tratar da cultura do Seiscentismo sem pôr

à frente numa luz vivíssima esse grande Facto Fundamental — equivale, quanto a mim, a escrever a história da nossa gente nos séculos xv e xvi — sem pensar nas Navegações.

Quando, no século xviii, muitos perceberam que nos tínhamos tornado, em verdade certa, uns lêrdos para-guaiois para a Europa culta, mandou o rei D. João V

«consultar em Inglaterra Jacob de Castro Sarmento, pela intervenção do conde da Ribeira, dos meios de reformar neste reino a medicina. Jacob de Castro referiu pelos doutores que consultou: *primo*, que se deviam traduzir as obras originaes do illustre Baconio, para serem divulgadas em Portugal, para preparar com ellas os espiritos, para os livrar de antigas preoccupações e para os dirigir pelo verdadeiro caminho das sciências naturaes; *secundo*, que se mandassem estudantes fora do Reino, fazerem-se peritos nas mesmas sciências, para virem depois ensiná-las e propagá-las aos seus nacionaes» (*Compêndio histórico*, Parte II, cap. III).

Eis o que, depois da Pausa do Seiscentismo, receitavam da Grã Bretanha ao velho povo das Navegações: iniciar-se, lendo Bacon, no espirito experimental de que elle fôra o iniciador. Estava necessitada de ler Bacon, a «gente ousada» que sentenciara: «a Experiência é madre das coisas, e por ella soubemos radicalmente a verdade» (Duarte Pacheco); a que dissera com Garcia da Orta que pouco se lhe dava dos autores antigos, em se tratando do que ella viu; e emfim, a que havia erigido na sua epopeia (em cada canto dos seus *Lusiadas*), contra



todos os comentadores e contra todos os Autoritarismos, — a mais entusiasta apologia da investigação experimental!

Pôsto isto, — ¿ darei agora as culpas *tôdas* à Companhia de Jesus? De-certo não. Mil vezes não! Não darei as culpas *tôdas* à Companhia de Jesus; e nenhuma darei à religião católica. Fui dos primeiros, como sabe, a opor diques aos exagêros da historiografia jacobina (quando actuais integralistas eram ainda vermelhíssimos, porque só depois leram Maurras) e à idea, a meu ver insustentável, de imputar as misérias tôdas de que soffreu a nossa grei — políticas, económicas, culturais e sociais — ao Jesuita e só a êle. Êsse sistema é infantil. Mas fazer o contrário dos jacobinos (a apologia de século XVII e da Companhia de Jesus), como V., parece-me também infantilidade: e não direi tão grande, mas maior ainda. Chegou tempo de entrarmos todos na maioridade intelectual.

A minha idea resume-se assim: se fomos dominados pelo Jesuita, é que nos achámos predispostos a soffrer a dominação. Quem é paraguaio, — paraguaio era. E predispostos, porque? — Seriam isso contos largos, que não posso agora desenrolar. O que devo, meu bom Amigo, é pedir-lhe que se precate no invocar das autoridades, e no uso das citações.

Arvora V. no mastro grande com salva estrondosa de artilharia o célebre livro de mestre Boehmer, quando pretende defender a Companhia de Jesus; o, com êsse



estandarte desfraldado, dispara as bordadas ao adversário. Com que razão?

Böehmer sustenta (e penso que bem) que havia causas de decadência que actuavam em Portugal além da acção dos Jesuitas, pelas quais viria a declinar a sociedade portuguesa, ainda sem Jesuita; mas (muito ao contrário do que V. insinúa) reconhece-lhe bem claro o deletério da influência. Diz assim:

«Les Pères... étaient en fait plus puissants au Portugal que dans n'importe quel autre pays... *Aucun homme de sens ne soutiendra qu'un pareil état de choses ait été profitable au bien du royaume*»;

e só depois desta última frase, claríssimamente condenatória, vem aquell'outra afirmação, de que tanto efeito se quero tirar:

«Et pourtant il serait injuste de tenir les Pères pour responsables de la ruine du Portugal. La décadence avait déjà commencé quand ils s'y sont établis. Une politique coloniale disproportionnée avec les forces du pays, et qui décimait véritablement la population, fut la cause véritable de cette ruine complète.» (trad. Monod, 2.<sup>a</sup> ed., 1910, p. 86).

Aliás, qual a influência dos Jesuitas no viver de Portugal, segundo Böehmer, concluir-se hia facilímente (e sem a frase que sublinhei) daquilo que diz o mesmo autor, no mesmo livro, dos efeitos da Companhia nos outro países em que dominou. Assim, quanto à França:

«Le 17 Octobre 1685» (revogação do édito de Nantes) «fut donc pour eux» (Jesuitas) «un jour de victoire, la récompense finale de cent vingt cinq ans d'une guerre sans répit. Mais c'est l'E'tat qui a payé les frais de la victoire des Jésuites, et ces frais ont été formidables. La dépopulation, la diminution de la prospérité nationale, telles furent les conséquences matérielles fort sensibles de leur triomphe, et ensuite un appauvrissement spirituel auquel la meilleure école des Jésuites ne pouvait remédier.» (p. 103.)

Isso, no que toca à França. Agora, quanto à Austria:

«L'Ordre était donc, vers 1675, arrivé, dans tous les pays dépendants des Habsbourgs allemands, au but de ses efforts... L'Ordre, avec ses 6 Académies, ses 55 collèges, ses 28 séminaires, ses 5 pensionats gratuits, affirmait aux yeux de tous sa domination sur tout le haut enseignement et par suite sur toute la vie intellectuelle. Mais ce triomphe des Jésuites avait encore eu un autre résultat: l'Autriche avait été tout particulièrement appauvrie; l'expulsion de plusieurs milliers de familles de race allemande ou tchèque avait causé des pertes énormes de richesses, d'hommes, de forces intellectuelles...» (p. 125)

Agora ainda, quanto à Polónia:

«La Pologne était devenue la terre classique de le royauté scolaire de l'Ordre dans le Nord, comme le Portugal dans le Midi. Quelle a été l'éducation donnée par ce précepteur à la Pologne?... Elle resta comme auparavant, sous le vernis superficiel de al nouvelle culture latine, foncièrement ignorante, sauvage, turbulente, une aristocratie de conscience large et de cœur étroit. Elle n'avait acquis dans les écoles des Jésuites qu'une chose nouvelle: un fanatisme barbare... On a rendu les Jésuites entièrement responsables de l'anéantissement de la Pologne. Posée dans ces termes, l'accusation est excessive; la décadence de l'E'tat polo-



nais avait commencé avant qu'ils parussent en Pologne. *Mais assurément ils ont précipité la décomposition du royaume...*» (p. 131 e 135.)

Por isso Monod, no prefácio da tradução do livro de Böhmer, resume assim o pensar do autor :

«Les Jésuites pouvaient servir les intérêts de la foi catholique sans leur sacrifier tous les intérêts temporels et intellectuels des pays où ils ont exercé leur influence Or, partout où les Jésuites ont exercé une action prépondérante, en Autriche, en Bohême, en Pologne, *dans tous les pays latins*, leur règne a été accompagné d'un appauvrissement économique et d'une décadence intellectuelle, et, en France, quelles ruines matérielles et morales n'ont-elles pas suivi la Révocation de l'Edit de Nantes et la destruction de Port-Royal ! Partout où ils ont exercé une action politique, ils ont sacrifié les intérêts vitaux de l'E'tat à ceux de l'Eglise.»

Aí tem, citado a preceito, o que está no livro de mestre Böhmer. Já vê V., meu caro Amigo, que força muitíssimo a realidade quando tenta escorar com esse mesmo livro os seus elogios aos Jesuitas...

E passando agora ao Gonzague Truc (o qual é, pelo menos na obra que V. aponta, um vulgarizador de quarta ordem, com lamentável desconhecimento da actual filosofia não francesa) também V. o citou do avêssô, ao querer apoiar no livrinho dele a sua arrebatada apologia dos comentadores da Escolástica no nosso século XVII. O que o Truc elogia nos Escolásticos *da Idade Média* (repare V.!) é não serem só comentadores, é a sua iniciativa e novidade quando os encaramos na sua época,



chegando a dar «quelque raison», êle, Truc, à conhecida proposição da *História* do Haureau:

«La Scolastique, c'est le travail des intelligences qui, longtemps asservies à l'empire absolu d'un dogme révélé, s'efforcent de mériter et de conquérir leur *émancipation* au prix de cette douce sécurité que procurent l'esclavage et la foi; la Scolastique, *c'est la Révolution qui se prépare*, qui annonce sa venue» (v. Gonzague Truc, na obra que V. cita, *le Retour à la Scolastique*, p. xv.)

Eis pois o que pensa Truc dos Escolásticos que êle elogia, — que são os Escolásticos da *Idade Média*, os criadores, os «docteurs anciens»; e eis porque os elogia: pelo seu espírito de inovação; por não serem só comentadores; pelo revolucionário da sua Obra. Quanto aos Escolásticos comentadores dos séculos XVI e XVII, que V. pretende defender invocando o livro dêle, Truc *condena-os*, e à tesa, precisamente por não terem a virtude dos da Idade Média, por serem meros comentadores; e chama-lhes «sórdidos», «paródias», «estéreis», «caricaturais»: <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Como se vê, a minha afirmação é a de que António Sardinha não podia apoiar no testemunho do livro de Gonzague Truc uma apologia dos escolásticos do século XVII, como êle pretendia. Truc só elogia os escolásticos da *Idade Média*, e êsses próprios só em parte. Como eu disse no prefácio, reproduzo agora o trecho completo do autor francês, indicando por itálico as partes aproveitadas na primeira edição do meu artigo. O leitor verá imediatamente que as partes que então eliminei, para não alongar (indicando-as por tres pontinhos), não contrariam em coisa alguma, e pelo contrário só confirmam, as conclusões que eu tirei das partes reproduzidas.

«Le défaut de cette polémique, fut la polémique. Accordons-lui d'abord ce qui lui revient. Il est vrai que *les écoles, gardant la manière plus que le fond des anciens docteurs, tombèrent dans les excès illustrés par les sarcasmes de Rabelais...* Mais l'enseignement scolaire, précisément, était-il si scolastique, et par exemple, l'Université de Paris, si elle interdisait Aristote au XVII.<sup>e</sup> siècle, avait-elle conservé de ce maître l'intelligence qu'en possédait Saint-Thomas?» (p. 28) <sup>1</sup>.

«Le tort de la scolastique fut d'avoir trop et trop fortement raison <sup>2</sup>. C'est le danger des doctrines officielles, une fois close la période vivante de la formation, de s'affadir peu à peu, de périliciter entre les mains habiles mais communes des pédagogues, et de s'évanouir enfin, faute de se transformer. Celle-ci, au long de six ou sept siècles et avant de connaître une renaissance pleine de promesses, dut subir un inévitable sort <sup>3</sup>.

*Pendent que vers 1500, inventions et découvertes renouvelaient en philosophie la matière, bien plus encore que la méthode, et qu'une pensée plus libre tâchait de s'organiser et de s'affranchir de la contrainte d'un dogme qui détenait l'autorité, la doctrine officielle restait seule enseignée par les écoles, et, loin d'y réaliser quelque progrès, subsistait de l'acquis ancien, retenant des vieux maîtres, <sup>4</sup> moins un fond toujours vivace et fécond pour qui l'eût su découvrir, qu'une forme, par nature transitoire, et déjà désuète. Le règne arrive du*

---

<sup>1</sup> Como se vê, o autor, depois de confessar que a escolástica do Renascimento mereceu os sarcasmos de Rabelais, diz aqui que a do século XVII não percebeu Aristóteles como o percebera S. Tomás. Diz mal, pois da escolástica do século XVII.

<sup>2</sup> O autor chama aqui «escolástica», claro está, à *medieval*; e passa a dizer que a dos tempos seguintes foi uma degeneração dessa escolástica *medieval*.

<sup>3</sup> Refere-se o autor ao renascimento da escolástica no nosso século XX. Segundo o que aqui diz, portanto, a escolástica foi uma coisa insípida e periclitante nos seis ou sete séculos que vão do XIII ao XX. Entre estes, pois, está o século XVII.

<sup>4</sup> Quere dizer, dos escolásticos *medievais*.



sylogisme en Barbara, des sorbonagres et des facéties de l'écolier limousin. Prenons garde, toutefois, que c'est là de la caricature.<sup>1</sup>

Certes, il a été affligeant qu'à l'âge de Giordano Bruno et de Galilée, de sordides régents de non moins sordides collèges aient pu déshonorer saint Thomas par une parodie<sup>2</sup>, et, incapables de pénétrer les choses, se soient perdus dans les mots. Je me demande pourtant, et la question va se poser plus pressante tout à l'heure pour le XVII<sup>e</sup> siècle,<sup>3</sup> si on a rendu pleine justice à l'enseignement traditionnel<sup>4</sup> et si cette caricature n'a pas effacé sans retour la véritable physionomie.

Ce qu'il faut dire donc, simplement, c'est que la scolastique, devenue d'originale et d'agissante, scolaire et glacée dans les traditions des écoles et des manuels, se survit, propre encore peut-être à contribuer à la formation intellectuelle d'un clergé toujours polémiste et peu ou prou métaphysicien, mais désormais fermée à toute mutation ou diversité, une et uniforme, rebelle au progrès, dépourvue de génie créateur, stérile enfin et sans plus rien qui puisse susciter un

---

<sup>1</sup> Quere o autor dizer que a escolástica do Renascimento era uma caricatura da escolástica medieval, e que seria injusto avaliar do valor desta pelo ridículo e inanidade daquela. Se interpretássemos o texto de outra forma, isto é, como significando que deveríamos tomar em conta o facto de que as facécias do escolar limusino eram uma caricatura da escolástica do Renascimento, teríamos de concluir que o autor defendia neste passo a escolástica do Renascimento: conclusão absurda, pois tudo quanto se lê no texto, antes e depois deste passo, é uma condenação da escolástica dos seis séculos que medeiam entre o XIII e o XX.

<sup>2</sup> Galileu morreu em 1642; Giordano Bruno, em 1600. O autor chama pois aqui à escolástica do século XVI uma paródia que desonrava S. Tomás.

<sup>3</sup> Como se vê, o autor, aqui, afirma que a escolástica do século XVII se apresenta como mais caricatural ainda, mais deformadora da fisionomia da verdadeira escolástica (a medieval) que a escolástica do século XVI.

<sup>4</sup> Quere dizer, à escolástica tradicional à medieval.



de ces systèmes qui, au moyen-âge, ébranlaient le monde pensant.<sup>1</sup>

La Pédagogie est utilité peut-être, et à coup sûr abaissement, abaissement du maître qui se rapetisse, de l'enfant qui se guinde, et de la science que tous deux faussent.<sup>2</sup> Elle réclame, pour quelque succès, un tact, une délicatesse, une charité qu'on n'y trouve guère et que même elle semble démentir par définition : le pédagogue a été chez les anciens le plus vil des esclaves et reste chez nous l'avant-dernier des fonctionnaires. Il ne faut donc point s'attendre à lui voir illustrer les conceptions qu'elle doit répandre. *La pédagogie scolastique se révèle la pire de toutes parce que la plus étroite, la plus spéciale, la plus contraignante, et, dans ses cadres immuables, la moins perfectible.* J'entends naturellement celle des cuistres, celle qui a compromis tout le système, fond et forme, et a trop bien servi le mépris intéressé des novateurs.» (Le Retour à la scolastique, p. 33-35).<sup>3</sup>

Como vê, ainda aqui o autor que alega diz o contrário do que V. supõe. O homem que chama em defesa sua é o que o aniquila e o destrói. E o mesmo sucede no seguinte passo:

Para abonar a apologia do Seiscentismo e dos Jesuitas.

<sup>1</sup> Mais uma vez opõe a esterilidade, a falta de génio criador e a rebeldia ao progresso da escolástica dos séculos xvi e xvii, ao vigor e espírito revolucionário dos sistemas escolásticos *medievais*.

<sup>2</sup> Com toda a razão condena o autor a prática pedagógica dê-se tempo, de que as doutrinas educativas actuais são a antítese. Estas doutrinas vão hoje vencendo pouco a pouco a prática antiga : em uns países mais, em outros menos. O nosso ensino — quer dizer, o ensino em Portugal — acha-se ainda em grandíssima parte contaminado dos vícios daquela pedagogia escolástica, «la pire de toutes parce que la plus contraignante».

<sup>3</sup> No manuscrito original dêsta artigo eu pus juntos este trecho e o anterior, indicando : p. 28, 33-35. O tipógrafo esqueceu o 28. Como disse no Prefácio, vão aqui indicados a itálico os períodos originariamente transcritos por mim, e em tipo redondo

(aquele, como período áureo da nossa língua, da nossa prosa; e estes, como promotores da dita língua e da dita prosa) diz V.:

«Na *Introdução ao Dicionário da Língua Portuguesa*, do Padre José da Fonseca, e impresso pela Academia em 1793, confessa-se louvavelmente que «a idade mais elegante da pureza da nossa língua deve contar-se desde o ano de 1540, em que começaram a ler na Universidade de Coimbra os insígnios mestres que el-Rei D. João III nela estabeleceu.» Eis o reconhecimento de um facto que só por si enche de luminosidade o *seculo XVII*: graças ao ensino humanista, como os Jesuitas o professaram, a nossa língua se estabilizou na pena dos *Seiscentistas*. » (*Lusitânia*, p. 7.)

Tudo parece muitíssimo bem; simplesmente, meu caro Amigo, — essa cita que aí nos dá, esse texto de José da Fonseca que V. alega triunfalmente, como relativo aos Jesuitas e à epoca do Seiscentismo, — nem é applicável aos Jesuitas, nem é applicável ao Seiscentismo! Para facilmente o verificarmos, bastaria que V., ao citar, não tivesse cortado a cita precisamente no ponto importante.

os períodos de que me não aproveitei, indicando por reticências a sua falta. Como o leitor verificará, os períodos não aproveitados não invalidam de maneira nenhuma a conclusão que eu tirei dos períodos transcritos, a saber: que o livro de Gonzague Truc não podia servir a uma apologia da escolástica do *seculo XVII*, como Sardinha, (de-certo por precipitação na leitura dêsse livro, aliás medíocre) imaginou. A acusação de falsificação do texto é pois absurdíssima e completamente fantástica. Em nenhum país civilizado eu me veria compelido a provar esta evidência. Falsificar o texto... de um livreco actual de 4 francos, accessível a toda a gente!



Vou reproduzi-la como lá vem, no *Dicionário* de José da Fonseca. Peço atenção:

«A idade mais elegante da pureza da nossa língua poderá (parecendo) contar-se desde o ano de 1540, em que começaram a ler na Universidade de Coimbra os insignes mestres que el-rei D. João III nela estabeleceu, e *terminar-se no ano de 1626*, no qual saiu à luz a primeira parte da História de S. Domingos, de Frei Luís de Sousa, por ser esta a última obra que o autor em sua vida publicou» (livro citado, p. iv, nota d).

Como vê, desde 1540 até 1626: o trecho refere-se ao *Quinhentismo*, e não ao *Seiscentismo*!

Em segundo lugar, os «mestres de Coimbra» a que alude Fonseca não são os mestres jesuitas, mas, *muito ao contrário*, os que vieram com Gouveia, de quem os Jesuitas foram rivais e que eles conseguiram substituir. O texto por V. citado como *favorável* aos Jesuitas... é *adverso* aos Jesuítas. Nem podia deixar de o ser: Fonseca foi, como sabe, todo chegado ao Marquês de Pombal, a quem dedicou em 71, bombásticamente laudatório, o seu dicionário português-latino.

Não, meu caro Sardinha; admirar o Seiscentismo é querer-nos manter no grande eclipse da cultura nacional<sup>1</sup>; é querer adorar o maior cancro de que ainda sofre o Português: a mentalidade anti científica, anti-crítica, que nos faz... «índios da Europa» desde então. Portu-

<sup>1</sup> Eis a razão da minha insistência neste assunto.



gal, no século XVI, foi dos pioneiros da **investigação científica** do senso crítico, do moderno espírito europeu; o Seiscentismo, porém, fê-lo cair dessas alturas no charco lodoso da Retórica, em que inda jaz. Precisa pois de sair de lá quem queira entender o nosso caso, e dar remédio à nossa Grei. Eis aí, meu caro Sardinha, o que há mais de três lustros estou prègando. Quem quer que não teve educação científica, porém, difficilmente me entenderá, — e seguirá vivendo como até aqui neste nosso deserto intellectual, onde tudo é verbo, psitacismo, palavra estéril, como lá no deserto é tudo areia: areia, areia, areia, areia, areia, — areia ainda, e sempre areia, — areia, areia, e areia mais... Oh! que sêde de autênticas *ideas* nestes páramos soníferos do palanfrório português!

O que peço aos lusos que fazem livros, é que para êles escrever seja *pensar*; é que as letras sejam *cultura*, e não instrumentos de paixões efêmeras ou degrau da vaidade e da ascensão pessoal. Só teremos enfim História culta no dia em que desistirmos de fazer da História (como é hoje) mero departamento fantasioso do jornalismo de facção. Se a História escrita pelos jacobinos foi facciosa e muito má, a nova História dos reaccionários está sendo facciosa e muitíssimo pior: era aquela, pelo menos, bem mais operosa no investigar.

Que nos pode defender de tais excessos? Sòmente, creio eu, uma forte rajada de sinceridade crítica, prólogo da introdução do humanismo crítico e da **reforma da mentalidade**...

*Reforma da mentalidade:* cerro por aqui a amístosa epístola, repropoendo agora o que já propus: que nos despojemos ao entrar na História dos antolhos burdos da paixão política, a fim que aclaremos o espirito dos jovens em vez de o transviar e enredar; que sejamos exactos nas alegações, e tersos e calmos no juízo crítico; e que não busquemos ao trocar ideias a honra e o aplauso de quem ouve e lê, mas a verdade e nada mais, conforme ao preceito do Rabelais. E para não rematar esta carta amena com frases de um homem que foi tão molesto aos seus queridos Escolásticos da moderna Idade, a quem o citado Gonzague Truc ousou chamar caricaturais, — será às epístolas de Santo Agostinho que irei buscar o equivalente delas, em eclesiástico e bom latim: «Cavendum est ne tempestate contentionis serenitas charitatis obnubiletur»: busquemos nós que se não perturbe, no tempestuoso de uma má contenda, a serenidade do amor fraterno!

Isto, que o leitor acabou de percorrer, é o artigo em que eu, segundo afirmam os meus inimigos, insultei António Sardinha e falsifiquei textos. Diga agora em sua consciência:

Encontrou insultos a António Sardinha?

Encontrou que as partes do livro de Gonzague Truc que da primeira vez não transcrevi (e que vão agora em tipo redondo) destruíssem em alguma coisa a conclusão que se tira das partes que transcrevi (e que vão agora em *Itálico*)?

Encontrou falsificação de textos?



A attitude que aconselhei aos meus jovens amigos de Coimbra (enojados com as acções dos meus inimigos que prepararam a manifestação do Gás Sulfídrico no salão do Teatro de S. Carlos) consta do artigo que reproduzo a seguir, e que veio publicado na *Seara Nova* n.º 87: *Aos jovens «seareiros» de Coimbra, sobre a maneira de lidar com os inimigos da Lux e da Razão:*

#### MEUS QUERIDOS AMIGOS:

A carta de um de vós, chegada há pouco, mostra-me o perigo que agora correis de vos enojardes excessivamente de certas misérias espirituais, com prejuizo irreparável do objecto principal da vossa obra.

A ofensiva rábida dos adversários não vos deve causar irritação, mas alacridade. Que prova ela, a-final? Que o vosso esforço está sendo eficaz; e chegou o momento de poderdes mostrar com aquella nitidez que nos é necessária — a natureza das ideas que vós servis. Se aban-

donardes, porém, o debate nobre dos pensamentos pela discussão pessoal com a gente fanática, — confundir-vos heis com os que vos atacam, e obscurecer-se há aos olhos do público o carácter basilar que nos distingue: o constituirmos, não uma seita de acção política (com tôdas as mentiras e as paixões a que obriga sempre o sectarismo), — mas sim um grupo de acção moral.

Isto, — que os nossos adversários nunca poderão entender, — é mister que o público que nos vê e escuta o sinta e entenda cada vez melhor. Não somos um partido de intriga política: somos um apostolado de renovação do espírito, de regeneração mental da nossa Grei. Temos de pensar, por isso mesmo, *sub specie aeternitatis*, e não nos efeitos immediatos das nossas palavras e dos nossos actos, mas nos longínquos, nos permanentes, nos radicais.

Em política, que deseja a *Seara*? A democracia. Mas a base da democracia é a *virtude*, como já afirmava Montesquieu; isto é: a moralidade cívica de todos nós. Antes de ser um regime político, é a democracia uma atitude moral; e a maneira de fazer a democracia não é directamente pela política, mas indirectamente pelos costumes. A causa da imoralidade dos homens públicos é a imoralidade cívica dos cidadãos, e povo algum entre os mal governados se pode queixar dos seus governantes, pois são os povos, a-final de contas, quem os selecciona e quem os faz. Fundar a democracia, é levar a substituir progressivamente a autoridade externa de certos homens (ou dum certo homem) sôbre os outros — pela autoridade *interna* em cada um de nós, isto é, pelo



império do racional de cada alma cívica sobre os seus próprios interesses e paixões. Por outras palavras: a democracia corresponde nos sistemas políticos à idea moral do auto-domínio. O primeiro princípio do democrata é transportar a idea de governo e império, — do corpo social, onde todos a vêem, para dentro do espirito do cidadão. O democrata verdadeiro não é o que começa por dizer ao povo: «tu és soberano»; mas sim o que toma como idea básica: «que cada um eleve no seu próprio espirito um duro soberano do seu mesmo eu, que submeta os impulsos e as ambições, os desejos e os sentimentos, ao ponto de vista racional, que é o ponto de vista social». Democracia é disciplina *interna*, politica do Espirito; e querer constitui-la mecânicamente, fora do Espirito, é não atingir a menor noção dos seus princípios fundamentais. Democracia, auto-domínio, são aspectos complementares duma mesma idea. *Por isso, a autêntica pregação da democracia é dar o exemplo do «self-control»; é procurar a virtude em todos os actos; é ter sempre por objecto o bem da Grei.*

Há homens honestos reaccionários, e alguns sei eu que são honestíssimos; a virtude, porém, não é neles a base da idea politica, e pode-se, sem contradição, ser-se anti-democrata e ser-se um vil. Maurras é vil, como se diz e prova com relêvo nítido na obra recente de Georges Valois, *Contre le mensonge et la calomnie*; essa vileza, porém, está dentro da lógica da sua politica, e não sofre nela contestação.

Declara por isso o nosso Proudhon: «democracia é

demopédia»; democracia é educação do povo. Prègar democracia, por isso, é trabalho de exemplo e de paciência, — dessa longuíssima paciência pela qual Buffon derfinia o génio. Temos de a prègar com o nosso exemplo: com o nosso exemplo, sôbretudo, ao tratar com os homens que a não entendem (ou não teem cabeça para a entender), reavivando no espirito a tôdas as horas o preceito excelente de Marco Aurélio: «De madrugada, dizer a si próprio: toparei hoje com um curioso, um ingrato, um insolente, um invejoso, um insociável. Todos êstes vícios os teem êles porque ignoram o que é o mal e o que é o bem; mas eu... eu não posso deixar-me perturbar por êsses homens, porque nenhum dêles me poderá induzir a proceder mal». «Proceder mal» significa, no nosso caso, proceder anti-democráticamente.

Espero que me entenderéis. Podereis atacar com tôda a lógica os homens que prejudicarem o bem comum, e na medida em que o prejudicarem: atacar os que exercem funções de govêrno, ou um cargo político, quando abusarem do seu papel. Esses prejudicam a tôda a Grei. Não deveis atacar, porém, os que seguem ideas contrárias às vossas, pelo simples facto de as sustentarem, ou ainda porque assaltam as vossas pessoas, não com ideas mas com perfidias. As nossas pessoas não importam nada: importa sómente o bem comum. Combatei as *ideas* contrárias às vossas, — mas sem sentimentos de hostilidade para com os *homens* que as preconizam; e se êles recorrerem à impostura, porque são fracos, ou à



calúnia, porque são vis, — não vos apaixoneis perante o mal. Eles podem entregar-se às mis paixões (repito) sem faltarem à lógica da sua política; mas vós, se vos dizeis partidários do racionalismo e prégadores da democracia, — haveis de conservar-vos sempre no alto (e sempre conscientes de responsabilidades maiores) para não desmentir o vosso ideal e os escopos sublimes que dizeis servir.

Por isso mesmo, àquela máxima de Marco Aurélio ligareis o preceito do «Epicteto amigo»: «Quando souberes de alguém que diz mal de ti, lembra-te que cuidava que fazia bem dizendo-o, e que assim mesmo lhe pareceu a êle; e que não pode seguir o teu juízo, senão o seu próprio. E se êle julga mal de ti, sua será a perda, porque vive enganado: pois, se um homem julga a verdade por mentira, não é por isso prejudicada a verdade, mas sim a pessoa que a não reconhece. Com esta consideração sofrerás com bom ânimo aqueles que disserem mal de ti, e a tudo responderás: assim lhes parece a êles!» Devendo só observar-se, para mais rigor, que muitas vezes lhes não parece tal, e sabem que mentem: mas cuidam que montando fazem bem, ou servem a Deus.

Sim, meus Amigos: chegou a ocasião de mostrardes a todos que os vossos princípios são coisas práticas, e não retórica; e bemdirei as baixeiras dos adversários se vos obrigarem a cavar no vosso espírito — na íntima substância do ser moral — e muito fundo, lá bem fundo, até encontrardes a rocha sólida dos verdadeiros princípios.

racionais. E quando chegardes a essa rocha eterna, sabereis então o que é bem-sorrir, — o sorrir perene, o sorrir olímpico, com a alegria dos santos e dos heróis, com o sol na alma e o coração em luz. Não sereis democratas verdadeiros se vos não despiddes inteiramente da menor sombra de personalismo, se não olhardes com calmo ânimo para as pequenezas dos que vos atacam, sem sombra de desprezo nem asco algum, mas com caridade e a sorrir. Cristãos se dizem os que vos querem mal: mas é a vós que compete o ostentar as virtudes a que se tomou o hábito de chamar cristãs; são eles os paladinos da aristocracia: sede vós os nobres no vosso espírito, — nos pensamentos e nas acções.

Voltai a Epicteto: «Como o professor de ginástica me exercita o corpo» — diz ele — «maçando-me o pescoço, as espáduas, os braços, e ordenando me exercícios difíceis: *levanta esse fardo com as duas mãos; levanta o o mais alto que te fôr possível*; e quanto mais pesado me parece o fardo, mais os meus músculos adquirem vigor: assim acontece com aqueles que me atacam: exercem-me na paciência e na clemência, virtude mais útil que a força física». E se tentarem atacar-vos fisicamente (aqui falo eu) dai-lhes de murro bem puxado: mas sempre com alegria, e sem rancor.

O que eu vos peço, porém, não é sómente que sejais estóicos; não é sómente o aperfeiçoamento próprio: mas que metais o dorso a uma maior empresa — muito maior, — que é a regeneração de Portugal. Ora, nunca se empreendeu uma obra grande, de reforma, sem a



apaixonada opposição dos que não podem comprehendê-la; nunca se acendeu um farol no mundo sem que um vento em fúria lhe assoprasse em cima; sempre contra uma Hipácia se levantou um bruto, contra um Herculano um padre Recreio, contra um Galileu uma Inquisição: e nem as grandes obras seriam grandes sem essa condição do seu valor. Agradecemos, portanto, aos que tomaram para si o papel ingrato de serem os apedrejadores da vossa luz. Sim: esses ataques dos irmãos fanáticos (imitemos as palavras de S. Francisco de Assis) são parte necessária da vossa obra, e servem de a encastoar e a relevar. Discuti ideas quando houver ideas; às insídias, porém, não responder nem discutir. Oponde-lhe sómente a nobreza vossa, e a gargalhada límpida de Parsifal, sem ressentimento ou indignação. Quanto mais se enviperarem os rancorosos, mais alegremente deveis sorrir. Se são lucifugos, dai-lhes sol; que lá diz o livro de Marco Aurélio, imperador de Roma e de todos nós: «Sê como o promontório, onde veem quebrar-se os furores das vagas: ei-lo imóvel ao de cima delas, enquanto em roda turbilhona e freme a sua cólera impotente».

Por mim, em casos dêsses, nunca precisei de combater cá dentro a tentação diabólica de me irritar, porque nunca a tive. Não: nunca senti uma sombra de ira contra quem quer que fôsse que me atacasse: preciso sim de recalcar na alma o pendor a divertir-me excessivamente com o espectáculo da fúria dos adversários, e a tomar alacridade demasiado viva neste desporto magnífico de candeiar a vista dos que odeiam a luz e a razão.

Custa-me, sim, em certos lances, substituir o divertimento pela Caridade, e a gargalhada estrídula do desportista pelo sorriso calmo de S. Francisco de Assis. Mas também isso se consegue, graças a Apolo, nesta bela estrada em que vamos indo, — tôda canora pela voz dos pássaros, tôda lavada pela luz do Sol!

---

*Nota à página 20 :*

«Para se vêr o vício do pensamento, suponho desnecessária uma explicação, e que basta citar» (p. 20).

Ao que parece, é tal necessária a explicação, pois houve quem declarasse que não percebia onde está aí o vício do pensamento. Expliquemos pois esta evidência. Diz Sardinha que insiste na perfeita *ortodoxia* do pensamento seiscentista para destruir o aleive de que sofremos nesse século a *tutela eclesiástica*. Ora, a dúvida acêrca da tutela eclesiástica só poderia sair, pelo contrário, da demonstração da livre existência de um pensamento *heterodoxo*. A perfeita ortodoxia de que nos aparece revestido tudo o que nesse século pôde aqui aparecer só tende a confirmar a idea de que a a tutela eclesiástica se exerceu, e de que teve de ser aceita. Perfeita ortodoxia é perfeita submissão á doutrina eclesiástica, que inculca perfeita submissão á tutela eclesiástica. A perfeita ortodoxia só inculca a realidade daquilo que Sardinha por meio dela pretendia contestar. Ficará percebido desta vez?





CD25A

CD25A

10\$00